

A Relação Entre Personagens e Espectadores no Filme *Janela Indiscreta de Hitchcock* sob a Ótica da Teoria do Espetáculo¹

Marcus Felipe Gouveia de PAULA²

Universidade Federal de Goiás, UFG

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma sucinta análise fílmica da obra *Janela Indiscreta* (1954) de Alfred Hitchcock, de maneira a identificar elementos e escolhas narrativas sob a perspectiva aplicada da teoria do espetáculo do cinema clássico, numa comparação com o teatro. Buscar-se-á investigar a relação entre os personagens principais, seus pontos de virada e como o espectador-observador, passa a participar ativamente da trama do filme. Uma espetacular rede de investigação e transgressão é formada, mas ao final tudo se justifica, pois, um crime, em tese, foi solucionado.

PALAVRAS-CHAVE: Hitchcock; cinema; espetáculo; personagens; espectadores.

1. INTRODUÇÃO

O palco e a tela sempre caminharam juntos dentro da história da arte de interpretar, cada qual com suas peculiaridades, mas também com pontos de convergência. Ambos os gêneros, ainda que possuam técnicas próprias de se criar um espetáculo, devem ser analisados e comparados levando-se em consideração a experiência social, tempo histórico e contextos em que foram criados.

Ao estudar o cinema clássico que surge em 1908 e repercute até o final dos anos 50, Ismail Xavier (2003, p.60) afirma que “o cinema atualiza uma forma particular de espetáculo com certas regras de representação, trazendo uma concepção peculiar de sua função na sociedade”.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Cinema e Audiovisual: análise fílmica e estilo cinematográfico) evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Estudante do Mestrado em Comunicação, PPGCOM, UFG-GO, e-mail: marcus.gouveia7@gmail.com

Ao analisar o espectador no cinema David Bordwell (1996, p. 32-33) acredita que “(...) ao ver um filme representativo, nos inspiramos nos esquemas derivados das nossas transações com o mundo de cada dia. (...) Baseamo-nos nestes esquemas, fazemos suposições, criamos expectativas, confirmamos e descartamos hipóteses”.

Alfred Hitchcock, renomado diretor e considerado o ‘mestre do suspense’, defendia a importância do diálogo com o público, conduzindo-o a participar do filme. Sobre sua obra, Roskens, Terto e Pinheiro (2011 p.09) citam um pronunciamento de Hitchcock durante uma coletiva de imprensa em Hollywood em 1947:

Estou disposto a proporcionar ao público choques morais benéficos. A civilização tornou-se tão protetora que já não é possível proporcionarmos a nós mesmo, instintivamente, o calafrio. Por isso é que convém provocar esse choque artificialmente, para desentorpecer as pessoas, para que elas recuperem o seu equilíbrio moral. Acho que o cinema é a melhor maneira de alcançar esse resultado. (CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL, 2011, p. 9).

O filme *Janela Indiscreta* (*Rear Window*) de 1954 se configura como um importante exemplo do cinema clássico ao conduzir uma narrativa de suspense e desejo, superando o mero papel de observador do espectador sentado em uma poltrona, atraindo-o para um lugar de transgressão, participando ativamente da trama. A história se inicia diante da perspectiva da rotina de Jeff (James Stewart), um fotógrafo que se vê confinado em seu pequeno apartamento numa cadeira de rodas, com a perna quebrada em virtude de um acidente de trabalho. Seu passatempo favorito é observar a vizinhança, onde os pequenos apartamentos e janelas se conectam a um grande pátio. Um espetáculo de microuniversos se consolida bem na frente de Jeff, espectador inquieto e observador.

O fotógrafo mantém um relacionamento delicado com Lisa (Grace Kelly). Jeff não acredita em casamento, tem o espírito livre e ávido por se aventurar pelo mundo no trabalho. Lisa é uma elegante e sofisticada modelo em Manhattan que deseja uma vida a dois. Jeff constantemente é auxiliado pela enfermeira Stella, uma mulher de meia idade que o ajuda com a casa e na recuperação, conversando sempre sobre moral, casamento, novas gerações e criticando Jeff por espiar a vida dos vizinhos.

O passatempo, aos poucos se estabelece como um ato de voyeurismo, uma invasão de privacidade sem o consentimento dos vizinhos. Se torna uma obsessão investigativa quando Jeff se vê diante da suspeita de que seu vizinho Lars Thorwald (Raymond Burr) teria assassinado a esposa. Toda a narrativa passa então a se desenvolver em

desconfianças e tentativas para se desvendar o caso. Jeff inclusive aciona o amigo e detetive Thomas (Wendell Corey) que não acredita no crime. Com altos e baixos Jeff passa a contar com a ajuda de Lisa e Stella até chegar no desfecho repleto de tensão e resolução do mistério.

2. A TEORIA DO ESPETÁCULO ENQUANTO FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Teatro e Cinema compartilham elementos de convergência como: o movimento e a representação por meio da imagem, oferecendo impressões de realidade dentro de um espaço cênico determinado. O Teatro se restringe à geometria espacial, um lugar limitado. Palco, prosclênio e fileiras de cadeiras, pensadas matematicamente para facilitar o olhar do espectador. Para Xavier (2003, p.63), “a condição para que haja “representação” é o olhar do sujeito (autor, leitor, espectador ou *voyeur*) que mira numa certa direção e corta uma superfície de modo a formar com esta um cone do qual o seu olho é o vértice”.

Durante o Renascimento, em 1530, o palco italiano ou caixa cênica foi criado, delimitando estruturalmente o espaço da representação, separado pelo recuo do fosso e cortinas frontalmente direcionados à plateia, espaço da realidade. Nesta época também surgia à tona a noção de perspectiva e profundidade na pintura. A experiência do espectador se consolidava ao centro da atenção. Os grandes espetáculos pareciam emoldurados em telas, funcionando como uma janela, onde o mundo da Arte se abria. Segundo Xavier (2003, p.63), um microcosmo a se observar por meio de uma moldura, capaz de aproximar a posição do espectador de teatro e a do admirador de um quadro.

Neste contexto, Bazin (1960, apud Xavier, 2005, p.20) defende que um quadro é centrípeto, pois, polariza o olhar em direção ao interior, ao centro da pintura. A tela de cinema, todavia, com seu movimento realiza movimento centrífugo, conduzindo o espaço para fora da tela. A câmera é o condutor da ação capaz de aproximar o espectador e o filme, criando uma certa ilusão de inserção daquele dentro do espaço ficcional.

A teoria do espetáculo estudada por Ismail Xavier, dentro do contexto social do cinema clássico traz à tona reflexões sobre a função social de uma obra. Ele parte dos estudos do diretor norte-americano D.W. Griffith (1875-1948), trazendo o cinema narrativo sério-dramático, propiciando o espelhamento entre protagonista-espectador em temáticas reflexivas, morais para fins de tomada de consciência sobre a vida cotidiana. E,

também, da análise das contribuições de Alfred Hitchcock (1889-1980), oferecendo ironia, transgressão e culpa enquanto temas de seus personagens, trazendo o espectador para perto, imergindo-o no universo da trama. Para Xavier, (2011, p.63), “através do cinema, as pessoas são expostas a diferentes visões de mundo, culturas e experiências, o que pode desafiar suas próprias perspectivas e expandir sua compreensão do mundo”.

3. ANÁLISE FÍLMICA: PERSONAGENS E ESPECTADORES

O filme se inicia como um grande abrir das cortinas de um teatro, emoldurando pela vista da janela do apartamento de Jeff todo o espaço cênico disponível para a plateia explorar. Separado do ‘palco’ onde tudo acontece, o imenso pátio entre os prédios acaba por simbolizar o fosso no teatro, limitando a área relacional do espectador, que sentado em sua ‘cadeira de rodas’, obrigatoriamente, só lhe resta observar. Cabe a Jeff direcionar seu olhar enquanto sujeito observador para o microcosmo que preferir, para cada tela que que quiser adentrar. E assim o faz, sem pedir permissão, transgredindo a privacidade alheia, convidando o espectador a acompanhá-lo. É um homem entediado e em recuperação buscando passar o tempo. Sobre esta cena, Xavier (2003, p.73) comenta:

(...) e a vida desfila diante de seu olhar como no cinema, seja porque lá estão as várias janelas enquadrando as diferentes experiências (os diversos filmes que ele tem a escolher), seja porque certos detalhes de sua prática de voyeur colocam-no quase como uma ilustração da teoria de dispositivo cinematográfico (...): imobilidade, investimento de energia no olhar, prazer nessa posição de “tudo perceber”, regressão infantil. (XAVIER, 2003, p.73).

Tudo muda quando numa noite chuvosa, Jeff escuta gritos e diante dos acontecimentos misteriosos começa a suspeitar que seu vizinho assassinou a esposa. A diversão em espiar se torna uma busca disfarçada de justiça para se desvendar um possível crime, que se torna objeto de desejo e dedicação. A todo tempo se convence da suspeita e busca convencer o público. Os movimentos de câmera representam a perspectiva do olhar de Jeff, é o vértice que ele conduz para o espectador ver. Mas as cenas não dizem tudo, a tensão paira no ar, levando a atenção para fora da imagem. Para onde o vizinho terá ido de noite? O que há na maleta? O cinema é centrífugo, nos instiga a ir para fora.

Nesta mesma cena algo importante ocorre: um novo personagem ganha fôlego na trama. Jeff acompanha os acontecimentos, incentivando o público a olhar mais, em estado

de alerta. Apesar da torcida para que Jeff consiga captar todos os momentos, ele adormece no justo instante em que Thorwald sai do apartamento com uma mulher misteriosa. Algo é revelado e somente o espectador foi capaz de ver. O público continuará a seguir Jeff, mas se desassocia dele, tornando-se personagem ativo com informações privilegiadas, detentor de poder para seguir na solução do mistério e na prática do voyeurismo.

Lisa, enquanto personagem representa o ideal de beleza e elegância da época, revela o empoderamento feminino, sua independência, ainda que traga reflexões sobre a mulher frente ao casamento. A trama coloca Lisa e Jeff em descompassos de pensamento, e perspectivas. Todavia após mais uma discussão do casal sobre o crime, quando Jeff indaga: “Como se esquiteja um corpo humano?”, Lisa tem o seu ponto de virada, ao flagrar o vizinho amarrando um grande baú. A câmera se aproxima de Lisa que diz: “Vamos começar novamente. Diga-me tudo que viu e o que acha que significa”.

Stella representa a classe trabalhadora com sua visão crítica da sociedade e também tem ponto de virada. Após escutar Jeff ao telefone conversando sobre o crime e Stella olha para a janela e com humor, indaga: “Onde ele a esquitejou? Na banheira, claro. É o único lugar onde ele poderia limpar o sangue”. Atenta, a enfermeira mostra a Jeff a movimentação no apartamento do vizinho quando um transportador retira o baú para fora. Ela de imediato corre para a rua na tentativa de identificar o caminhão.

Um quarteto de parceria investigativa se forma, Jeff, Lisa, Stella e o espectador que farão de tudo para desvendar o mistério. O filme termina com um acidente de Jeff ao ser jogado da janela por Thorwald e este é conduzido à polícia. Contudo, hipóteses ainda permanecem em aberto, para que o espectador tire suas próprias conclusões. O assassinato aconteceu? A cena final de Thomas e Stella, revela:

Policia: Thorwald está pronto para nos acompanhar ao Rio East.

(Stella fala algo nos ouvidos de Thomas)

Thomas: Disse o que está enterrado no canteiro?

Policia: Sim. O cachorro estava farejando, por isso tirou tudo de lá. Está numa caixa de chapéu, no apartamento. (JANELA INDISCRETA, 1954, 1:50:12 – 1:50:29).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Xavier (2003, p.78), Janela Indiscreta é capaz de encaixar adequadamente a comédia, o suspense policial e o movimento reflexivo da teoria do espetáculo. Todos os

personagens têm seu ‘final feliz’, satisfeitos com a solução do crime e de consciência tranquila de terem agido com a melhor das intenções. Qualquer reflexão ou arrependimento acerca dos atos de invasão de privacidade ou voyeurismo são justificáveis porque Thorwald foi descoberto.

A função do espetáculo se configura não na consciência moral e ética, mas na forma de se lidar com os impulsos, desejos e prazeres que a trama oferta. O espectador vivencia o ciclo da transgressão: convidado a imergir no universo, ganhando espaço e autonomia, fazendo suas devidas escolhas, se envolvendo e regressando à sala de cinema isento de qualquer sentimento de culpa.

Mas o espetáculo não acaba. Ele seguirá a reverberar no cotidiano de cada espectador. Toda vez que se deparar com as janelas da vizinhança e observar quem está do outro lado, mesmo que por alguns segundos, uma história poderá ser revelada, basta observar, basta direcionar o olhar para a tela que se quer ver, ou não. A lembrança do filme talvez ficará para sempre na memória do espectador. Afinal de contas, espetáculos não foram feitos para isso?

REFERÊNCIAS

BORDWELL, D. **La narración en el cine de ficción**. Barcelona: Paidós, 1996.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. **Catálogo Mostra Hitchcock**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Hitchcock.pdf> Acesso em: 25 mar. 2024.

JANELA Indiscreta. Direção de Alfred Hitchcock. EUA. Paramount Studio, 1954.

XAVIER, I. **O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, cinema novo**, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

XAVIER, I. **O Cinema no Século: Textos Escolhidos**. Editora Cosac Naify, 2011.